



### **Percepção ambiental de professores indígenas Terena a partir de desenhos do meio ambiente**

Elisangela Castedo Maria Nascimento<sup>1</sup>  
Angela Maria Zanon<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho teve como objetivo verificar o conceito de meio ambiente dos professores indígenas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Indígena “Marcolino Lili” do Município de Aquidauana/MS. Foi realizado um estudo de caso com análise crítica de caráter exploratório, descritivo e qualitativo. A pesquisa foi dividida em etapas: análise do planejamento e observação das aulas para verificação da frequência em que a EA aparece; Confecção, interpretação e análise dos desenhos de meio ambiente. Os sujeitos da pesquisa foram os professores indígenas e o objeto de estudo a visão de meio ambiente desses professores por meio de desenhos. Na análise dos desenhos de meio ambiente feito pelos professores indígenas, foi identificada uma visão naturalista, que separa o homem da natureza.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Ambiental, professores indígenas, visão, meio ambiente.

### **Percepción ambiental de profesores indígenas Terena a partir de dibujos del medio ambiente**

**RESUMEN:** Este trabajo tuvo como objetivo verificar el concepto de medio ambiente de los profesores indígenas de los Años iniciales de la Enseñanza Fundamental de la Escuela Municipal Indígena "Marcolino Lili" del Municipio de Aquidauana / MS. Se realizó un estudio de caso con análisis crítico de carácter exploratorio, descriptivo y cualitativo. La investigación se dividió en etapas: análisis de la planificación y observación de las clases para verificar la frecuencia en que la EA aparece; Confeción, interpretación y análisis de los dibujos de medio ambiente. Los sujetos de la investigación fueron los profesores indígenas y el objeto de estudio la visión de medio ambiente de estos profesores a través de dibujos. En el análisis de los dibujos de medio ambiente hecho por los profesores indígenas, se identificó una visión naturalista, que separa al hombre de la naturaleza.

**PALABRAS CLAVE:** Educación Ambiental, profesores indígenas, visión, medio ambiente.

<sup>1</sup> Graduada em biologia e professora da educação básica desde 1995. Especialista em manejo de recursos naturais e gestão escolar. Mestre em ensino de ciências, doutoranda em Educação (UCDB) e professora da UFMS desde 2007. E-mail: [ecm cursino@yahoo.com.br](mailto:ecm cursino@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Biológicas (Zoologia), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências, integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental em Mato Grosso do Sul (GEPEA-MS). E-mail: [amzanon@terra.com.br](mailto:amzanon@terra.com.br)

## **Environmental perception of Terena indigenous teachers from environmental drawings**

**ABSTRACT:** This work had the objective of verifying the concept of the environment of the indigenous teachers of the Early Years of Elementary School of the "Marcolino Lili" Indigenous Municipal School of the Municipality of Aquidauana / MS. A case study with exploratory, descriptive and qualitative critical analysis was carried out. The research was divided in stages: analysis of the planning and observation of the classes to verify the frequency in which the EA appears; Preparation, interpretation and analysis of environmental drawings. The subjects of the research were the indigenous teachers and the object of study the vision of the environment of these teachers by means of drawings .. In the analysis of the drawings of environment made by indigenous teachers, a naturalistic view was identified that separates man from nature .

**KEY WORDS:** Environmental Education, indigenous teachers, vision, environment.

### **INTRODUÇÃO**

Um dos papéis da escola, segundo Libâneo, “é assegurar o desenvolvimento das capacidades e habilidades cognitivas sobre a base dos conhecimentos científicos, que formam o pensamento crítico [...]” permitindo o domínio de métodos, técnicas e aplicação prática desses conhecimentos na vida escolar e prática social (LIBÂNEO, 1994, p. 45). Tendo a escola esse papel, há necessidade de estar atento a que tipo de Educação Ambiental se quer ou se deve praticar.

Não se pode pensar em um único modelo de Educação Ambiental, a reflexão e a prática da EA precisam estar voltadas para a compreensão da estrutura e funcionamento dos sistemas sociais apontando soluções em nível coletivo e de ordem política. Hoje, a Educação Ambiental não mais aponta para uma educação conservacionista e, sim, para uma visão socioambiental, educação popular, com objetivo de atingir principalmente as pessoas expostas aos riscos e vítimas da injustiça a partir do diálogo reflexivo de conteúdos voltados à sociologia, ideologia, política, democracia, cidadania, direcionada pelos princípios da Educação para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (BRASIL, 2007).

A visão socioambiental se norteia por meio da racionalidade complexa e interdisciplinar, pensando o ambiente como um campo de interações entre a cultura, a sociedade e os processos vitais. Essa visão considera o meio ambiente como um espaço de relações onde o ser humano aparece como pertencente ao meio e interage com vida social, natural e cultural (CARVALHO, 2008).

Quando ocorre a mudança do olhar naturalista para o olhar socioambiental, percebemos que a interação espécie humana/natureza nem sempre é ruim, problemática ou

catastrófica, há formas sustentáveis, como no caso dos extrativistas, que podem levar a um aumento da biodiversidade e não o contrário.

A ordem social vigente se caracteriza pela produtividade material baseada na exploração ilimitada dos recursos naturais e pela desigualdade e exclusão social e ambiental. É essa forma de viver baseada no acúmulo de bens que é criticada pelo ideário ecológico. Esse desejo de mudança, muitas vezes utópico, atraiu muitas pessoas que se identificam com essa luta nas décadas de 1960 e 1970 (CARVALHO, 2008).

A ideologia ecologista possui uma face utópica que fez com que muitas pessoas que assumiram esses valores ecológicos, ficassem desacreditadas exatamente pelo fato de alguns ideais nunca se concretizarem em suas condições reais de vida (CARVALHO, 2008). Mas pessoas que agregam esses traços, valores e crenças são consideradas sujeitos ecológicos e a utopia faz parte dos ideais do sujeito ecológico e renovam a esperança de um mundo transformado e compatível com esse ideal de felicidade, justiça e bem-estar. Para Carvalho (2008), os educadores devem contribuir para essa atitude ecológica em sua prática educativa por meio da EA, formando sujeitos com a capacidade de compreender e agir, ler e interpretar, mudar a forma de ser e ver esse mundo em transformação.

Por essa razão, este trabalho teve como objetivo verificar o conceito de meio ambiente, por meio de desenhos, dos professores indígenas da Escola Municipal Indígena “Marcolino Lili” do Município de Aquidauana/MS, na tentativa de verificar a capacidade de perceber, compreender, e agir os próprios problemas socioambientais presentes em sua Aldeia.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Foi realizada uma análise crítica de caráter exploratório, descritivo e qualitativo. Trata-se de um estudo de caso porque visa à descoberta, à interpretação em contexto, buscando retratar a realidade completa e profunda (LUDKE E ANDRÉ, 1986). A fundamentação teórica foi baseada nos autores Carvalho (2008), Morin (2000), e na Educação Problematizadora, na concepção de Paulo Freire, que enfatiza a educação como sendo uma preparação para o enfrentamento com este mundo de crescente complexidade e permanente mudança. Os sujeitos da pesquisa foram os professores indígenas atuantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental e o objeto de estudo a análise da visão de meio ambiente, por meio de desenhos, elaborados por esses professores.

A pesquisa foi dividida em etapas:

1) Análise de planejamento e observação das aulas dos professores indígenas, para verificação da frequência em que a Educação Ambiental aparece nas aulas e o tipo de abordagem realizada pelo professor;

2) Confecção, interpretação e análise dos desenhos feitos pelos professores sobre meio ambiente com a intenção de identificar o tipo de visão de meio ambiente.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Observação das aulas**

As aulas na Rede Municipal de Ensino possuem a duração de uma hora, portanto, no total são quatro aulas, duas antes do intervalo e duas depois do intervalo. O intervalo tem duração de 15 minutos, dessa forma, as crianças entram às 7h e saem às 11 horas e 15 minutos. Foram observados 3 dias de aulas de cada professor, em dias alternados, com objetivo de assistir a aulas de matérias variadas, totalizando um número de 12 aulas por professor. Foram assistidas aulas de Matemática, Português, Geografia, História, Ciências, Língua Terena, “Arte e Cultura Terena”. As aulas de educação física não foram acompanhadas, pois o professor dessa disciplina não era indígena. Foram observadas 60 horas de aulas referentes a 5 professores na Escola Municipal Indígena Marcolino Lili.

Na observação das aulas dos professores percebemos uma grande participação dos alunos nas aulas usando a língua materna para se comunicarem. Os professores possuem dificuldades nas aulas de língua portuguesa porque, às vezes, não encontram sinônimos na língua materna para melhorar suas explicações, de forma geral utilizam uma linguagem simples e clara de acordo com o nível cognitivo dos seus alunos. Sempre que necessário os professores recorrem à língua materna para explicar o conteúdo. São oferecidos exemplos locais para que os alunos façam as devidas relações entre o conteúdo e o cotidiano. Conhecem e utilizam vários tipos de metodologia de ensino. As aulas práticas são comuns principalmente na disciplina de “Arte e Cultura Terena”, mas há poucas aulas de campo.

Existe uma grande preocupação com os problemas socioambientais existentes, como falta de água, falta de coleta de lixo, território pequeno para a quantidade populacional existente hoje e todos os problemas decorrentes destes, porém esses são abordados somente em datas comemorativas respectivas ao meio ambiente, assim como constatado nos planejamentos. Não é prática, do professor indígena, contextualizar a Educação Ambiental mesmo tendo conteúdos que favoreçam a discussão. Somente dois professores procuram introduzir a EA com mais frequência em suas aulas. Estes possuem maior nível de escolaridade, um está fazendo mestrado e o outro já o possui, os demais

ainda se encontram em formação. Dessa forma, acreditamos que a formação dos professores influencie para uma visão global da necessidade de relacionar o conteúdo às questões socioambientais vivenciadas na aldeia. Segundo Freire (1997, p. 19)

[...] a responsabilidade ética, política e profissional do ensinante<sup>3</sup> lhe colocam o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente', se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática.

Embora o parecer 14/99 do Conselho Nacional de Educação garanta aos professores indígenas a formação e capacitação em serviço (BRASIL, 1999), o ideal seria que o professor indígena se formasse antes de iniciar sua atividade docente, mas não é o que ocorre, o que impossibilita ao professor fazer uma análise crítica de sua própria metodologia de ensino.

### **A visão de meio ambiente**

Sempre que se pede uma descrição de meio ambiente, a maioria faz referência à paisagem natural. Os animais, os vegetais, a paisagem são sempre lembrados, mas quase ninguém se dá conta de que a espécie humana, biologicamente falando, é uma espécie animal, e, portanto, faz parte dessa natureza. Segundo Morin (2000, p. 51), “a importância da hominização é primordial à educação voltada para a condição humana, porque nos mostra como a animalidade e a humanidade constituem, juntas, nossa condição humana”.

Essa visão naturalista, que separa o homem da natureza, é muito difundida na mídia o que distorce o conceito de meio ambiente, tendendo a enxergar a natureza apenas biologicamente, “boa, pacificada, equilibrada, estável em suas interações ecossistêmicas, o qual segue vivendo como autônomo e independente da interação com o mundo cultural humano” (CARVALHO, 2008, p. 35) como é o caso do desenho dos professores indígenas A e B abaixo.

Foi pedido aos professores para que fizessem um desenho que representasse o meio ambiente.

---

<sup>3</sup> O ensinante equivale ao professor.

Desenho 1



Desenho representativo do meio ambiente na perspectiva do professor A

Desenho 2



Desenho representativo do meio ambiente na perspectiva do professor B



Desenho 3



Desenho representativo do meio ambiente na perspectiva do professor C

Os desenhos 1, 2 e 3 mostram a paisagem natural não modificada, demonstraram que os professores possuem uma visão simplista e naturalista do meio ambiente. Segundo Tuan (1980, p. 125), as relações humanas com a natureza passam então a ser estabelecidas dentro de uma ótica na qual o meio ambiente permanece restrito ao ambiente físico, “o selvagem”. O homem e o espaço modificado não estão presentes, assim como os problemas ambientais ocasionados por essas modificações.

#### Para Carvalho

Toda ação é resultado de uma certa compreensão, de algo que “faz sentido” em um universo habitado por inumeráveis chaves de sentido. [...] A busca dos sentidos da ação humana que estiverem na origem dos processos sócio-ambientais parece sintetizar bem o núcleo do fazer interpretativo na educação ambiental. Ao evidenciar os sentidos culturais e políticos na ação dos processos de interação sociedade-natureza, o educador seria um intérprete das percepções – que também são por sua vez, interpretações – sociais e históricas mobilizadoras dos diversos interesses e intervenções humanas no meio ambiente (2003, p. 107)

Nesse caso os professores indígenas necessitam buscar “esse sentido” em sua comunidade, criar momentos para refletir e buscar soluções de problemas socioambientais locais. “A educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996, p. 38). É por meio da educação que se tem a tomada de consciência que consiste na “ação-reflexão” para daí modificar a realidade perturbante.

Sobre o animismo, o professor B desenhou o sol com um rosto alegre, sorrindo. Durante uma conversa informal, foi explicado a eles que o animismo pode atrapalhar, dificultar a apropriação de conceitos científicos e, portanto a construção do conhecimento por parte das crianças. Os elementos naturais não possuem características humanas como sentimento, alegria, tristeza, raiva ou dor. O sol é a fonte de calor, luz, portanto, vida na Terra, sua falta ou seu excesso, traz consequências à vida no planeta. O senso comum é baseado na percepção imediata, já o conhecimento científico se baseia na reflexão, na ciência teórica. O conhecimento do senso comum está baseado a princípios empiristas de generalidade, de utilidade, já conhecimento científico necessita basear-se na racionalidade, na teoria (BACHELARD, 1996).

Os outros 2 professores fizeram uma representação mais próxima da sua realidade, pois já inseriram o ser humano no meio.

Desenho 4



Desenho representativo do meio ambiente na perspectiva do professor D



## Desenho 5



Desenho representativo do meio ambiente na perspectiva do professor E

Foi perguntado ao professor D sobre o que o homem no desenho segurava em sua mão. O professor respondeu que era uma enxada e que ele estava roçando. A agricultura é uma prática da etnia Terena, mostrando o quanto esse professor se percebe inserido no ambiente.

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história (FREIRE, 1996, p. 23)

Acreditamos que essa visão de se perceber como um agente transformador esteja relacionado ao grau de estudo desse professor que já possui o mestrado.

No desenho 5, temos uma casa com antena o que sugere a presença de energia **elétrica** e eletrodomésticos. Embora os professores D e E tenham consciência da presença humana e modificações da natureza, ainda representam um ambiente conservado, o que foge da realidade local onde vivem.

Na aldeia Lagoinha, os córregos estão secos devido ao assoreamento, as matas foram derrubadas para construção de casas, há falta de água porque o poço que abastece a aldeia é insuficiente para a demanda da população, o lixo é queimado ou enterrado nos quintais das casas, pois não tem coleta de lixo.

É partindo dessa realidade que a Educação Ambiental tem uma importante e difícil tarefa de estabelecer o diálogo interdisciplinar na tentativa de primeiro alertar e depois modificar os valores e atitudes permitindo o desenvolvimento da capacidade de participação na vida social de forma crítica, pois temos “a capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas, sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a” [...] (FREIRE, 1996, p. 28).

Um bom exercício para renovar nossa visão de mundo é, às vezes, trocar as lentes, para ver as mesmas paisagens com olhos diferentes [...] Podemos fazer isso questionando conceitos já estabilizados em muitos campos da experiência humana, criando, dessa maneira, espaços para novos aprendizados e para a renovação de alguns desses pressupostos de vida (CARVALHO, 2008, p. 34).

A leitura e interpretação de mundo são subjetivas e depende da percepção de cada um, pois é determinada pelas condições históricas e culturais de cada sujeito, é claro que essa interpretação com a ajuda do professor fica mais fácil.

De acordo com Oliveira (1999) *apud* Camargo (2006, p. 1),

O conceito de percepção está relacionado à maneira pela qual apreendemos a realidade, dando-lhes sentidos. Assim a percepção ambiental depende dos seguintes fatores: a vivência em determinado lugar, da origem, da experiência, valores agregados a este lugar, das relações estabelecidas com o lugar onde se está inserido.

A relação entre pessoas e meio ambiente sempre tem um contexto que influenciará sua percepção. Crianças que residem em uma cidade do interior, ou numa chácara com espaço livre para correr e brincar, cercadas por bichos de estimação ou de criação como galinhas, porcos, vacas entre outros, muitas vezes adentram a mata explorando-a, ou por curiosidade e brincadeira ou ajudando seu pai na “lida do dia-a-dia”<sup>4</sup>, certamente terão uma leitura e interpretação de “ambiente” diferente de crianças criadas na cidade grande (metrópole), dentro de um apartamento, sem muito espaço para brincar, com brinquedos eletrônicos, rodeadas por prédios e sem nunca terem visto animais como galinha, vaca ou porco. Por meio desse exemplo, é possível notar a diferença dos olhares das pessoas para um mesmo lugar, embora façamos parte de uma sociedade comum, cada um, em sua subjetividade, tem o seu modo de interpretar as imagens. Estas relações são construídas a partir de um ‘mundo interno’, seus sentimentos, pensamentos, reflexões (subjetividade) com o mundo social ou ‘mundo externo’. Por meio da subjetividade e as relações sociais se

---

<sup>4</sup> Expressão comumente usada pelas pessoas da zona rural para indicar os afazeres repetitivos de seu cotidiano.

constrói uma forma particular de leitura de mundo conforme aponta Bock & Teixeira (2005, p. 93),

A subjetividade individual representa a constituição da história de relações sociais do sujeito concreto dentro de um sistema individual. O indivíduo, ao viver relações sociais determinadas e experienciais determinadas em uma cultura que tem idéias e valores próprios, vai se constituindo, ou seja, vai construindo sentido para as experiências que vivencia. Este espaço pessoal dos sentidos que atribuímos ao mundo se configura como a subjetividade individual.

A compreensão a respeito da maneira como cada sujeito percebe, vê, lê e interpreta o meio em que vive é fundamental para o educador, pois é dele a responsabilidade de mediar o conhecimento do sujeito ecológico em formação, repensando e reinterpretando as mudanças e transformações ocorridas no meio. Partindo do contexto do aluno se pode trabalhar suas relações com o ambiente de forma a desenvolver além de suas capacidades cognitivas a sensibilidade afetiva para a construção de um posicionamento ético diante do meio.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos perceber que prevalece entre os professores indígenas uma visão simplista e naturalista de meio ambiente. Durante as descrições de meio ambiente em uma conversa informal, a maioria não foi capaz de discutir as questões socioambientais presentes na aldeia, nem relacionar com alguns problemas, como no caso do lixo e falta de água, que afetam suas vidas. Não existem espaços de discussões sobre a problemática que os rodeia não havendo reflexões.

Nesse caso, os professores indígenas necessitam buscar “esse sentido” em sua comunidade, criar momentos para refletir e buscar soluções de problemas socioambientais locais. “A educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996, p. 38). É por meio da educação que se tem a tomada de consciência que consiste na “ação-reflexão” para daí modificar a realidade perturbante.

Discutindo os problemas e seus reflexos no amanhã, que se abre caminho para decisão, escolha e intervenção de tais problemas vivenciados, mas quando isso não acontece prevalece a falta de entendimento sobre as relações pré-existentes que culminam no problema.

Para enxergar esses problemas e perceber como tudo está relacionado “é necessário uma visão complexa de meio ambiente, e que a natureza integra uma rede de relações não apenas naturais, mas também sociais e culturais” (CARVALHO, 2008, p. 38). “Trata-se,

inicialmente, de tomar consciência de que os problemas ambientais estão essencialmente associados a questões socioambientais ligadas a jogos de interesse e de poder, e a escolhas de valores”. (SAUVÉ, 2005, p. 318).

A mudança é possível diante da tomada de consciência dos problemas socioambientais, mas muitas vezes essa tomada de consciência esbarra na visão ingênua sobre a conservação do meio ambiente natural e intocável. Esse tipo de visão dificulta enxergar o meio ambiente como um lugar em que se vive uma relação de troca com as dimensões físicas e biológicas do meio, tendo assim que encontrar a melhor forma de interação evitando o autoprejuízo (CARVALHO, 2008).

Os professores indígenas da Aldeia Lagoinha têm percebido que é preciso uma mudança de postura em relação ao lixo e a água, que no momento são foco de preocupação, pois já estão sentindo os reflexos do uso não sustentável. É papel do professor criar meios e condições para que os alunos desenvolvam capacidades de trabalho intelectual visando sua autonomia no processo de aprendizagem e independência de pensamento (LIBÂNEO, 1994). Para isso é preciso que o professor desenvolva a capacidade de descobrir as relações sociais reais implicadas em cada acontecimento, em cada matéria, em cada discurso.

Neste sentido, essa pesquisa aponta para a necessidade da revitalização da cultura visto que no passado a sociedade indígena desenvolviam representações do mundo natural relacionadas com a natureza e seus ciclos e formas de manejo dos recursos naturais para sua sobrevivência, reprodução cultural e social, assim, valorizar e entender essa forma de viver é vital para a sustentabilidade ambiental nos dias de hoje.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. **Psicologias**: uma Introdução ao Estudo da Psicologia. 8ª ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena**. Parecer 14/99, aprovado em 14/09/1999.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

CAMARGO, Maria Eugênia (Marô). **Educação Ambiental**: um Exercício do Olhar. Agenda 21 – Educação ambiental em área de proteção dos mananciais, 2006. Disponível no site: [http://www.seaembu.org/docs/ag21\\_mananciais.pdf](http://www.seaembu.org/docs/ag21_mananciais.pdf). Acessado em 20/10/2015.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. 21ª reimpressão. São Paulo: Cortez, 1994.

LUDKE, M.; ANDRÉ, E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro** / Edgar Morin; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

SAUVÉ, Lucie. Educação ambiental: Possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**. V.31. N.2. São Paulo: 2005 Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022005000200012&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022005000200012&script=sci_arttext&tlng=es) Acessado em 14/10/2015

TUAN, Y. F. **Topofilia**: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

*Submetido em: 03-09-2017.*

*Publicado em: 30-04-2018.*